



BACHARELADO EM PSICOLOGIA

GÊNIFER MARIA DE ARAUJO SILVA

CONFLITOS SUBJETIVOS DE SUJEITOS LGBT+ NO SEIO FAMILIAR

**Conceição do Coité - BA
2023**

GÊNIFER MARIA DE ARAUJO SILVA

CONFLITOS SUBJETIVOS DE SUJEITOS LGBT+ NO SEIO FAMILIAR

Artigo apresentando à Faculdade da Região Sisaleira como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Jacson Baldoino Silva.

Coorientador: Prof. Me. Yuri Barbosa Martins de Oliveira.

**Conceição do Coité - BA
2023**

Ficha Catalográfica elaborada por:
Carmen Lúcia Santiago de Queiroz – Bibliotecária
CRB: 5/001222

S381 Silva, Gênisfer Maria de Araújo
Conflitos subjetivos de sujeitos LGBT+ no seio familiar/Gênisfer
Maria de Araújo Silva. – Conceição do Coité: FARESI, 2023.
20f..

Orientador: Prof. Prof. Me. Jacson Balduino Silva.
Artigo científico (bacharel) em Psicologia. – Faculdade
da Região Sisaleira (FARESI). Conceição do Coité, 2023.

1 Psicologia 2 Família. 3 Sofrimento. 4 Religião. 5 Homofobia
Familiar. I Faculdade da Região Sisaleira – FARESI. II Silva,
Jackson Balduino. III. Título.

CDD: 306.766

GÊNIFER MARIA DE ARAUJO SILVA

CONFLITOS SUBJETIVOS DE SUJEITOS LGBT+ NO SEIO FAMILIAR

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, pela Faculdade da Região Sisaleira.

Aprovado em 14 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Aderjan Albert da Silva Argolo / aderjanalbert.lettrasufs@gmail.com

Jacson Silva / jacson.baldoino@faresi.edu.br

Márcia Daiane Silva dos Santos / marcia.daiane@faresi.edu.br

Rafael Reis Bacelar Antón/ rafael.anton@faresi.edu.br

Yuri Barbosa Martins de Oliveira. / martinsiury96@outlook.com



Rafael Reis Bacelar Antón
Presidente da banca examinadora
Coordenação de TCC – FARESI

Conceição do Coité – BA
2023

CONFLITOS SUBJETIVOS DE SUJEITOS LGBT+ NO SEIO FAMILIAR

Gênifer Maria de Araujo Silva¹

Jacson Baldoino Silva²

Yuri Barbosa Martins de Oliveira³

RESUMO

O presente estudo se trata de uma pesquisa de campo cuja finalidade consistiu em analisar como as relações familiares podem tornar-se conturbadas em detrimento da sexualidade de um sujeito e os reflexos dessas relações na sua vida social. O levantamento dos dados ocorreu em Conceição do Coité (Bahia), tendo como participantes 3 jovens, sendo um homem e duas mulheres, que se identificam, respetivamente, no que diz respeito à orientação sexual, como gay, lésbica e bissexual. Os critérios de inclusão dos participantes foram: i) possuir algum tipo de conflito familiar em decorrência da sua orientação sexual; e ii) ter vivenciado ou estar vivenciando situações de homofobia familiar. A pesquisa demonstrou que a família, diante da descoberta da sexualidade do filho, pode se tornar um gerador de sofrimento, levando esse sujeito a passar por uma série de barreiras que levam a diversos fatores que atrapalham suas vidas. Além disso, demonstrou que é de suma importância novos debates acerca da temática no campo da Psicologia, principalmente por ser um campo de saber, é uma área do conhecimento particularmente preocupada em combater formas de opressão social e em fazer cumprir um código de ética; bem como evidenciou a necessidade de se trabalhar com a família sobre a temática, porque, da mesma forma que ela é um fator de proteção, cuidado, amor, acolhimento, pode ser um fator de adoecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Família. Sofrimento. Religião. Homofobia familiar.

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze how family relationships can become troubled because of a person's sexuality and the effects of these relationships on their social life. The data was collected in Conceição do Coité (Bahia), with three young people taking part, one male and two females, who identify themselves, respectively, in terms of sexual orientation, as gay, lesbian and bisexual. The inclusion criteria for the participants were: i) having some kind of family conflict as a result of their sexual orientation; and ii) having experienced or currently experiencing situations of family homophobia. The research showed that the family, faced with the discovery of their child's sexuality, can become a generator of suffering, leading this subject to go through a series of barriers that lead to various factors that disrupt their lives. In addition, it showed that further debates on the subject in the field of psychology are of the utmost importance, especially as it is a field of knowledge that is particularly concerned with combating forms of social oppression and enforcing a code of ethics; as well as highlighting the need to work with the family on the subject, because, just as it is a factor of protection, care, love and welcome, it can also be a factor of illness.

KEYWORD: Family. Suffering. Religion. Family homophobia.

¹ Discente do curso de Bacharelado em Psicologia. E-mail: genifer.silva@faresi.edu.br.

² Orientador. Docente do curso de Bacharelado em Psicologia e mestre e doutorando em Estudos Linguísticos (UEFS). E-mail: jacson.baldoino@faresi.edu.br.

³ Coorientador. Mestre em Educação e Diversidade (UNEB). E-mail: iurybmo10@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em família, rapidamente pensamos nela como um conjunto de relacionamentos caracterizados pela influência direta mútua, geralmente definido como um ambiente de segurança, amor, apoio e respeito. De acordo com Uzeika (2013), a família, sendo núcleo fundamental na vida de qualquer pessoa, desempenha funções específicas dentre as quais se destacam a promoção do bem estar dos seus membros.

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel importante na transmissão da cultura. Nela, as tradições espirituais, a preservação de rituais e costumes, e a preservação de costumes e patrimônio são desafiados a uma perpetuação. É a família que também prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua justamente chamada materna (Lacan, 1981).

As relações com os familiares, sobretudo o pai e a mãe são centrais para a compreensão das marcas subjetivas do indivíduo e para a forma como os jovens homossexuais “habitam o mundo” (DAS, 2011), sendo fundamentais para o entendimento de como cada indivíduo faz suas escolhas e maneja seus projetos de vida. Dessa forma, o núcleo familiar é um ambiente de muita expectativa, o qual pode levar várias pessoas ao caminho da frustração, pois já foram formadas imagens pré-concebidas de como deveria ser o cabelo, as roupas, a profissão, as escolhas e a própria sexualidade de cada indivíduo.

Assim, segundo Perucchi, Brandão e Vieira (2014), o contexto familiar de origem, que deveria ser um local de respeito, segurança e companheirismo, passa a ser um ambiente violento, que busca normatizar o sujeito; o qual, em alguns casos, se torna o local onde ele menos se sente seguro e à vontade. Dessa forma, para muitas pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQQICAAPF2K+⁴ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, questionando, intersexuais, curiosos, assexuais, aliados, pansexuais, polisssexuais, familiares, 2-espíritos e kink.) estar em casa com a família pode ser algo torturante, inclusive, afetando-os psicologicamente, pois, ao perceber um dos seus membros se identificando fora do escopo heteronormativo⁵, ela passa a se utilizar de comportamentos violentos.

Como consequência do sofrimento causado pela homofobia nos contextos familiares, destacam-se os sintomas associados ao sofrimento psíquico, tais como: isolamento social,

⁴ Essa sigla pode ser usada de formada reduzida, como fazemos neste trabalho: LGBT+.

⁵ A heterossexualidade nada mais é do que uma noção imposta socialmente de comportamento de acordo com os papéis de cada gênero. Os sujeitos sofrem com a heteronormatividade uma vez que essa impõe a existência de uma norma, uma imposição para que todos se comportem (e sejam) como heterossexuais.

problemas de autoestima, sintomas depressivos, crises de ansiedade, além dos impactos que é causado em outros campos na vida do sujeito. O preconceito é expresso no contexto familiar como forma de legitimação da violência, levando ao rompimento de vínculos e separação temporária ou permanente de indivíduos LGBTQ+ de suas famílias, o que muitas vezes resulta em separação ou expulsão da família parental em situações complexas e dolorosas.

Tendo em vista o limite desta pesquisa e a diversidade presente neste coletivo de sujeitos marginalizados, esta pesquisa foi desenvolvida considerando a orientação sexual de pessoas homossexuais⁶ e as experiências de violência desses sujeitos dentro da família parental. Quando a homofobia ocorre dentro da família, é considerada homofobia familiar, termo cunhado pela estudiosa Sarah Schulman para chamar a atenção e tratar especificamente a homofobia dentro da família, que ela diz ainda ser escassa e pouco estudada (Schulman, 2010).

Shulman (2010), comentando sobre homofobia familiar, pontua que as particularidades e as dimensões desse tipo de homofobia são amplas, podendo variar desde o desrespeito leve a vários níveis de exclusão, ataques brutais que prejudicam a vida de pessoas homossexuais ou brutalidade direta ou indireta que acabam completamente com a existência de um indivíduo.

A escolha desse tema tem como fundamento mostrar que o preconceito ainda é estimulado dentro do cenário familiar, no qual as pessoas homossexuais, público que sofre uma série de barreiras, são alvos constantes de discriminações e têm suas condições psicológicas acometidas pelo preconceito vigente.

A respeito disso, é compreensível que os resultados decorrentes da homofobia familiar também variam, mas, em geral, causam grande sofrimento por ser a família um importante local de segurança e identificação para o desenvolvimento humano. Um estudo conduzido por Toledo (2013), no interior do estado de São Paulo, por exemplo, contou com a participação de dez mulheres que por meio de suas narrativas demonstraram que para elas a homofobia ocorrida dentro da família era a maior forma de discriminação que puderam experimentar. Essas narrativas de vida evidenciaram o impacto que a homofobia gera em seus sujeitos na experiência familiar

Tendo em vista isso, a pergunta-problema que norteia esta pesquisa é: Como a homofobia familiar causa danos à vida social do sujeito? A partir dessa problemática, buscamos, enquanto objetivo geral, *analisar como as relações familiares podem tornar-se conturbadas em detrimento da sexualidade de um sujeito e os reflexos dessas relações na sua*

⁶ Neste trabalho, por questões metodológicas, utilizaremos marcos históricos do movimento LGBTQ+, 17 de maio de 1990- dia em que a OMS retirou a homossexualidade do CID, 29 de agosto 1983- dia da visibilidade lésbica e 28 de junho de 1969- dia do orgulho LGBTQ+.

vida social. Como desdobramento desse, temos os seguintes objetivos específicos: i) compreender a homofobia na família, as suas principais causas e consequências na vida das pessoas homossexuais; ii) narrar o sofrimento causado pela família às pessoas homossexuais.

Faz-se necessário então, e é de grande importância trazer essa pauta, muito pouco discutida, em relação a família nesse lugar de sofrimento, sendo ela o primeiro grupo que participa dessa subjetividade, já que deveria ser um local de confiança, aceitação e acolhimento, mas acaba em muitos casos ocupando o lugar de recusa, onde a pessoa homossexual não pode mais contar com essa rede de apoio.

2 METODOLOGIA

A fase metodológica tem caráter de suma importância na construção de um trabalho científico. A metodologia utilizada neste trabalho contemplou, portanto, um enfoque qualitativo, tendo como procedimento de coleta de informações as entrevistas semiestruturadas, que têm por objetivo produzir conhecimento de cunho informativo e reflexivo.

É importante enfatizar que os dados por si só não são suficientes para os pesquisadores qualitativos, sendo necessárias interpretação e inferências para compreender o que os dados pessoais revelam sobre os indivíduos e a sociedade. Bogdan e Biklen (1994) definiram os objetivos dos pesquisadores qualitativos da seguinte forma:

Eles procuram compreender o processo pelo qual as pessoas constroem significado e explicam o que é; eles utilizam observações empíricas porque eventos concretos do comportamento humano permitem aos pesquisadores pensar de forma mais explícita e profunda sobre a condição humana (Bogdan; Biklen, 1994, p. 38).

Nesse sentido, os critérios de inclusão dos participantes foram: i) possuir algum tipo de conflito familiar em decorrência da sua orientação sexual; ii) ter vivenciado ou estar vivenciando situações de homofobia familiar e iii) residir em Conceição do Coité (Bahia), cidade de abrangência do estudo. Considerando esses critérios, 7 participantes foram convidados para participarem da pesquisa, porém, houve uma questão de falta de interesse de 2 pessoas após o conhecimento sobre o tema, 1 pessoa mostrou-se interessada, mas não deu retorno e outra não aceitou por questões de gatilho. Dessa forma, participaram da pesquisa 3

jovens, sendo um homem e duas mulheres⁷, que se identificam, respetivamente, no que diz respeito à orientação sexual, como gay, lésbica e bissexual.

Os entrevistados foram contactados individualmente por telefone, ocasião em que foram convidados a participar da pesquisa. Uma vez aceito o convite, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio do qual os participantes foram informados dos aspectos éticos e metodológicos da pesquisa. Depois disso, a data, o horário e o local das entrevistas foram marcados conforme disponibilidade de cada participante. O roteiro da entrevista semiestruturada tinha como questões norteadoras: i) Como se identifica?; ii) Como foi o processo de "saída do armário" e a descoberta para os pais; iii) O que é família para você?; iv) A homofobia familiar já te gerou algo? Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente e, por opção metodológica, optamos por apresenta os dados em articulação com a teoria, para permitir uma articulação profícua.

3 DAS ENCRUZILHADAS DA PESQUISA

3.1 FAMÍLIA

A família é o lugar onde, na maioria das vezes, os indivíduos constroem sua visão de mundo e sua subjetividade. De acordo com Dessen e Braz (2005), a família é central para a socialização do sujeito, a partir de onde os membros dela estabelecerão suas primeiras relações sociais e parte de sua identidade, que por sua vez é um processo de transformação constante, multiplicado por fatores próprios do indivíduo e também pelos próprios aspectos do contexto social no qual estão inseridos.

A Psicologia entende a família como um conjunto de relações caracterizadas por influência recíproca, direta, intensa e duradoura entre seus membros (De Antoni, 2005). Segundo Maria das Dores Campos Machado (2006), o modelo de família nuclear católica, no Brasil, ao longo do século XX, foi considerado o ideal de família. Segundo a autora, na perspectiva da Igreja hegemônica, esse pequeno grupo doméstico está associado à função de reprodução tanto material quanto cultural.

Em linhas gerais, a família é caracterizada por um grupo de pessoas vinculadas por laços sanguíneos e laços de afeto. Entretanto, no que concerne a sua estrutura e sua função, percebe-se que ela é uma criação humana que, devido a uma construção social e histórica, foi idealizada

⁷ *Homem e mulher* são utilizados numa perspectiva biológica, ou seja, referem-se às concepções de *macho* e *fêmea*, respectivamente.

como uma instituição responsável pela guarda dos efeitos sociais de seus membros e também pelo cuidado e proteção de tais, sendo um lugar de paz, amor, harmonia e fraternidade, ou que pelo menos deveria ser (DONZELOT, 1986; SARTI, 2004).

Ao serem perguntados sobre a relação familiar, eles responderam:

São pessoas que independente de qualquer coisa te apoia e te aceita, não relacionado a sangue (28 de junho de 1969).

É a união, porém nem todos podem dizer isso, mas é bem seletivo, em relação a outros familiares. Mas, essa união entre minha mãe, esposa, irmãs, sobrinhos, de estarem sempre ali comigo (29 de agosto de 1983).

É tudo, isso parece clichê, mas minha família, independente de qualquer coisa sempre teve presente desde a infância, na questão da união (17 de maio de 1990)

Assim, percebemos que o conceito de família é diversificado para cada sujeito e que não necessariamente ela precisa ser a de sangue ou parental, mas pode ser dar pela construção de outros laços afetivos como pontuou a participante. A fala da participante lésbica demonstra que há diferentes arranjos familiares que surgem da maneira como os membros de um grupo são construídos e se relacionam entre si e com a sociedade (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Assim, a família é uma unidade flexível na qual a sociedade pode entrar, e aspectos como demografia, vida individual, papel familiar, relação Estado-família, localização, relação de parentesco, oferta de bens e vida familiar devem ser considerados ciclos e ritos de passagem (HINTZ, 2007).

Tendo em vista que se espera que o espaço da família acolha e proteja o indivíduo, como condição dessa inclusão, exige-se que a atitude do membro seja compatível com o modelo heterossexual hegemônico. Assim, quando algum membro se desvia dessas regras, a família passa a utilizar mecanismos de violência física ou psicológica na tentativa de repreendê-los e integrá-los à heteronormativa (Perucchi *et al.*, 2014).

Assim, famílias, que poderiam atuar como facilitadoras do bem-estar, têm se unido para criar situações desconfortáveis e dolorosas para os membros da comunidade LGBTQ+, fazendo com que esses indivíduos passem a buscar apoio em suas redes de amizades. Com isso, o espaço familiar, que deveria ser acolhedor, incluir os indivíduos na dinâmica da sociedade e proporcionar segurança, torna-se um ambiente hostil com o auxílio de mecanismos violentos que tentam construir o sujeito como parâmetro dicotômico e naturalizar o comportamento sexual.

A família muitas vezes apresenta dificuldades de aceitar o(a) filho(a) por não entender o ideal de masculino e feminino da nossa cultura. A não aceitação de algum comportamento

considerado intolerável, por ser um aspecto desviante, cria condições propícias para deixar florescer o preconceito, compele comportamentos discriminatórios e reforça o estigma social associado a práticas que não atendem aos critérios hegemônicos.

A resposta desta participante demonstra que a família pode até reconhecer algum comportamento fora dela, mas rejeita quando esses modos são realizados por membros da sua família:

Ela [Mãe] diz que isso não existe, mesmo apoiando na família das outras pessoas. Ela evitava olhar para mim e quando me via começava a chorar e sempre que é tocado no assunto de sexualidade ela se transforma. (28 de junho de 1969)

Em grande parte, uma sexualidade com orientação homossexual, como os gay, as lésbicas e os bissexuais, em um dos membros de sua família, não é bem aceita em razão da concepção heteronormativa e tradicional da família. Essa não aceitação pode levar o sujeito da comunidade LGBTQ+ a enfrentar várias turbulências, mas também causa sofrimento aos familiares, como demonstra a fala da participante bissexual supratranscrita.

Essa experiência é vivenciada pelos familiares porque se espera que o homem seja o futuro marido e pai de uma família heterossexual, capaz de reproduzir o comportamento herdado e manter o sobrenome; da mesma forma acontece com a mulher que foi educada para ser um “primor de moça”. Os sujeitos com novos comportamentos passam a ser vistos como alguém que põe em risco o projeto de preservação da família dentro dos moldes consagrados pela “tradição”, pelos “bons costumes” e “valores morais”. Essa expectativa dos familiares fica nítida na fala do participante:

Eles me falaram que ainda me viam com filhos e com uma mulher, por mais que eu trouxesse em dialogo com eles sobre os impactos que passei. Eles ainda trouxe uma ideia, e nesse momento fui obrigado a responder seco para que eles tirassem essa ideia da cabeça e mostrando que existe outros meios de eles terem um neto (17 de maio de 1990).

Notamos que em muitas famílias há uma estagnação na maneira que lidam com a descoberta da homossexualidade dos filhos. Reagindo de forma estranha, pensando que eles escolheram o “caminho errado” e que um dia vão voltar a ser heterossexuais e ter filhos. A “expectativa” dos familiares, muitas vezes, não respeitam as escolhas atuais dos sujeitos, impondo outras visões de mundo, o que acaba gerando conflitos. A estagnação tradicional da sexualidade cria uma crise nas relações familiares que deixa esses pais frustrados, questionando o que fizeram para lidar com isso, sentindo-se culpados e acreditando que os “desejos” sexuais

de seus filhos podem ser resultado da educação que eles fornecem; passam a indagar onde foi que erraram, além de procurarem por um “culpado”.

A confusão e o choque iniciais deixam os familiares, principalmente os pais, sem base para um confronto saudável sobre o assunto, fazendo com que os quadros de violência contra homossexuais, dentro da família, sejam comuns. A grande questão é que essa violência não é enxergada como privação dos direitos, mas sim como uma correção que levaria o filho “de volta à heterossexualidade”, considerada a conduta “normal”; ou seja, algumas vezes as famílias usam de intensa violência contra homossexuais em nome do “amor e proteção” providos de pré-conceitos sociais e históricos (Costa *et al.*, 2012).

3.2 RELIGIÃO CRISTÃ - PADRÕES NORMATIVOS E HIERÁRQUICOS

A religião e suas perspectivas a respeito das orientações homossexuais são frequentemente defensoras de significados negativos, que impossibilitam transformações fundamentais para a aceitação e legitimação das mesmas na sociedade. Durante séculos, o cristianismo desempenhou um papel importante no desenvolvimento e aprimoramento da moralidade e da moral pessoal, orientando assim as relações estáveis e o comportamento dos indivíduos na sociedade, tendo a Bíblia como principal suporte (Foucault, 2018, 2020).

No entanto, a natureza contraditória que surge de algumas conquistas ainda é marcante, principalmente relacionada à não aceitação em casa, na igreja e na sociedade em geral. De acordo com os cristãos conservadores, acredita-se que isso ocorra porque as várias formas de cristianismo – católico, protestante, evangélico e neopentecostal – veem a homossexualidade como uma violação da lei divina ou um crime contra a natureza, classificado como 'abominação' no Antigo Testamento e um grande pecado diante de Deus (Rocha, 2019).

A relação entre família e religião cristão fica perceptível na fala dos participantes:

Eles trouxeram que isso dentro da perspectiva evangélica não é certo, e eu acreditei por muito tempo nisso, e eles chegaram a questionar por que eu não recorri a eles para me ajudar nas orações, para ser mais forte, e se me ajudassem eu iria ser liberto (17 de maio de 1990).

Cheguei a fingir que tinha mudado, que eu gostava de homens, criando uma personalidade que não era minha. Levava um amigo meu para a gente fingir que éramos namorados, até beijar a gente se beijava, para mostrar que eu tinha mudado mesmo, mas não dava certo isso (29 de agosto de 1983).

A concepção familiar de libertar um filho da homossexualidade pela oração e da participante de fingir um namoro com um amigo mostram como os preceitos religiosos

influenciam negativamente as atitudes dos familiares frente à homossexualidade (Guerra *et al.*, 2012), bem como dos próprios homossexuais, dificultando a construção do apoio familiar. A desinformação muitas vezes alimenta os preconceitos que são socialmente construídos e que fazem com que a sexualidade dos indivíduos com orientação sexual divergente da heteronormativa seja vivida com culpa, vergonha e constrangimento, desencadeando angústia e sofrimento.

Segundo Rocha (2019), os cristãos afirmam que as unidades heterossexuais se formaram desde o momento da criação, definindo a forma da "família tradicional", que os mais conservadores agora acreditam. Portanto, as uniões que fogem desse padrão, como as uniões homossexuais, são contrárias ao plano de Deus. Assim, o casamento cristão só é possível entre um homem e uma mulher, sendo todos os relacionamentos não heterossexuais inúteis à luz da palavra de Deus.

Observa-se que os problemas que afligem as famílias hoje, milhares de anos após sua criação, estão intimamente relacionados aos papéis da mulher e do homem: libertação das mulheres, uniões entre pessoas do mesmo sexo e liberdade sexual. Assim, ao revelar sua orientação sexual, que é rejeitada pelos meios religiosos, a maioria dos homossexuais não é oficialmente expulso, mas, na maioria das vezes, sofrem intolerância, ódio, desprezo ou indiferença dos seus familiares. Muitas pessoas se sentem muito culpadas, então tentam esconder seus sentimentos, fazendo todo o possível para não sentir atração física por pessoas do mesmo sexo, o que costuma ser doloroso. Nesse sentido, a relação entre cristãos e homossexuais está longe de ser pacífica porque lhes causa sofrimento, sendo esses vistos como seres pecadores e, como forma de autodefesa, cada vez mais evitam sua identidade sexual para suas famílias, igrejas que frequentam e a sociedade a que pertencem.

Com isso, torna-se importante reconhecer a existência do fenômeno da pseudo-homossexualidade:

A verdadeira homossexualidade é inata. Da mesma forma que uma pessoa nasce grega, chinesa, preta, escandinava, surda, cega, retardada, parálitica, ou o quer que seja, nasce-se para ser hetero ou homossexual. É atualmente conhecido que a orientação sexual de uma criança é determinada numa idade muito nova. [...] Com dezessete meses. Então obviamente a homossexualidade inata está além das causas da programação (Hoffman, 1991, p. 62).

Reafirmamos que a homossexualidade existe em todas as culturas, épocas e lugares (Foucault, 2014, 2018), mas pode ser assumida como sempre por uma minoria numérica entre

os heterossexuais. Dessa forma, a homossexualidade é tão antiga como a própria humanidade (Foucault, 2014, 2018), porém não se via as pessoas falando sobre a sua orientação sexual naquela época. A homossexualidade é um fenômeno de natureza tão biológica quanto a heterossexualidade. Esperar que uma pessoa homossexual não sinta atração por outra do mesmo sexo é pretensão tão descabida quanto convencer heterossexuais a não desejar o sexo oposto.

3.3 HOMOFOBIA FAMILIAR

A violência familiar ocorre com mais frequência quando a pessoa homossexual decide trazer a público sua orientação sexual, que diverge da identidade de gênero. A Orientação sexual é a maneira como uma pessoa vivencia suas relações afetivas e sexuais, ou seja, se ela se sente atraída por pessoas de um sexo diferente ou do mesmo sexo, enquanto a identidade de gênero é como um indivíduo se identifica seu próprio gênero, sendo ele o gênero masculino, feminino ou outro gênero, sendo possível existir identificação com um gênero, com dois ou mesmo com nenhum deles.

Dessa forma, revelar sua orientação sexual para amigos e familiares ficou conhecido popularmente como o ato de “sair do armário” – expressão carrega de preconceitos. Esse é um “divisor de águas” na trajetória de toda pessoa homossexual e um desafio na construção de sua identidade sexual. Em muitos casos, “assumir-se” é um evento traumático pelo fato de os familiares condenarem a pessoa por sua orientação sexual, muitas vezes agredindo-a física e/ou verbalmente, ou mesmo expulsando-a de casa.

Sobre esse movimento de “assumir-se”, os participantes fizeram as seguintes narrativas:

Na época eu namorava e minha tia me viu numa festa e contou para minha mãe. Quando eu cheguei em casa ela já estava sabendo, no momento eu não estava preparada para contar e foi muito péssimo. Por mais que no fundo ela desconfiasse, era algo que ela não queria que fosse verdade, e me disse palavras pesadas e duras de ouvir, e que iria esperar eu completar 18 anos para ela me colocar para fora de casa (29 de agosto de 1983).

Eles vieram na minha casa e eu contei tudo em relação a minha sexualidade. Esse processo foi muito libertador para mim, e acredito que para a população no geral é libertador, mas tem algumas questões que impactaram muito. Eu necessitava disso para hoje me considerar ser uma pessoa completa. Para eles, foi muito impactante porque eu venho de uma família evangélica, então eu cresci nos ensinamentos evangélicos, mas acredito que eles já tinham desconfiado, por sempre escutarem piadas de outras pessoas falando sobre meu jeito, cabelo, comportamento (17 de maio de 1990).

Minha mãe entrou no meu e-mail e pelo drive ela achou fotos com minha namorada, no momento eu não estava em casa, mas minha irmã presenciou toda situação. Tive uma crise muito forte, e depois disso, resolvi escrever um texto, contando sobre minha orientação sexual, de acordo minha irmã, minha mãe reagiu da pior forma possível, se jogava no chão, jogava as cadeiras, batia nas portas, e caso eu estivesse lá no momento, acredito que isso seria voltado a mim. Esse processo foi muito complicado, ela não olhava na minha cara e está num ambiente onde você não é aceita é difícil (28 de junho de 1969).

Sujeitos homossexuais que não respondem a padrões normativos em um contexto social parecem eventualmente sofrer dores psicológicas como resultado da intensa opressão social vivida em um contexto familiar (Perucchi; Brandão; Vieira, 2014; Braga, *et al.*, 2018), fazendo com que precisem viver em constante alerta. A homofobia vivenciada no contexto familiar constitui um dispositivo de influência psicossocial. Esse dispositivo é um mecanismo subjetivo para manter o silêncio e a impotência diante da violência física e principalmente simbólica, onde as normas heterossexuais dominam os indivíduos homossexuais e as estratégias biopolíticas para controlar seus corpos (Foucault, 2014). Quando as famílias não usam a violência para suprimir as experiências homossexuais de um sujeito, muitas vezes usam formas silenciosas e invisíveis de tais práticas (Perucchi *et al.*, 2014).

Schulman (2010) comenta que os métodos para expor a homofobia familiar não são tão claros e explícitos, mencionando que produziu sua pesquisa em uma época em que as pessoas diziam que "isso já está mudando" e alguns comentários sobre atitudes que provam que a homofobia é insidiosa.

A homofobia na família tem mais peso porque a discriminação ocorre nas relações familiares. Nos comportamentos homofóbicos fora do contexto doméstico, a família é a norma social e emocional para a vítima, uma vez que os agressores são outras pessoas e não estão incluídos na vida do indivíduo. Nesse sentido, Soliva e Silva Junior (2014) colocam que essa “violência tem a capacidade de atingir seus agredidos de duas formas: pela dor de ser agredido e pelo fato de o agressor ser alguém com quem mantém uma relação de proximidade” (p. 132).

A experiência da participante bissexual vivida em casa é muitas vezes novamente experienciada nos contextos extrafamiliares:

Ela me tratou como lixo. Esperava ela chegar e me agredir, como ela queria, porém minha irmã não deixou, e nesse momento, sem saber o que iria acontecer, eu tive uma crise muito forte, de medo e ansiedade (28 de junho de 1969).

Isso demonstra que a família participa indiretamente das situações de bem e mal estar social ao possibilitar experiência de acolhimento ou de repulsa da sexualidade do sujeito. Um efeito encontrado no contexto familiar é desqualificar os homossexuais para falar sobre sua sexualidade, humilhá-los e supor que eles, enquanto membros familiares, têm capacidade de falar sobre os desejos dos filhos, como, por exemplo, “você está passando por uma fase!”; “você ainda não tem experiência heterossexual suficiente para ter certeza” (Toledo, 2013, p. 357).

Por outro lado, não falar sobre a homossexualidade de um membro da família também é uma prática homofóbica importante a ser identificada, assim como o silêncio imposto ao sujeito homossexual é descrito como uma forma de violência que diminui tanto o desejo individual quanto o desejo homossexual; a atitude dos pais de ‘fingirem não ver’ a homossexualidade do filho comprova a negação e tentativa de mudar identidade, evitando o assunto e invisibilizando-o, restringindo e reprimindo os atos homossexuais (Perucchi; Brandão; Vieira, 2014; Braga *et al.*, 2018), como narra a participante:

Ela colocou na cabeça dela que eu não sou homossexual e desde então ela vem fingindo como se nada tivesse acontecido, como se eu não tivesse contado para ela (28 de junho de 1969).

Permanece o senso comum psicologizante de que os filhos “precisam” e “devem” se vincular aos modelos de gênero fornecidos por seus pais. No entanto, do ponto de vista da experiência do sujeito, um processo bem diferente pode ocorrer na relação pais-filhos. Em certos ambientes familiares, os pais podem se identificar por meio de seus filhos e projetar neles um conjunto de idealizações do que deveriam ser quando adultos, especialmente na esperança de que os filhos também sejam heterossexuais (Barros, 1987).

Assim, a família opera no micro contexto de parentesco e coabitação e reproduz padrões hierárquicos e opressores. As relações familiares, de alguma forma, continuam a desempenhar um papel importante na formação da maneira como a maioria das pessoas veem e vivenciam o mundo. Portanto, ao analisar o contexto da família como um espaço onde a violência pode se confirmar sob a ótica do preconceito e da homofobia, é necessário compreendê-la como uma instituição por meio da qual se transmite um conjunto de valores. Os indivíduos moldam suas identidades e dão sentido à vida de seus membros (Osório, 1996).

Frequentemente, muitos homossexuais se afastam de suas famílias quando conquistam a independência material. Além disso, embora muitos ainda estejam ligados às suas famílias pela ilusão de um vínculo amoroso “natural”, na realidade trata-se de um vínculo financeiro e

dominante sobreposto por uma homofobia familiar unânime exigindo que o mesmo desista de si mesmo.

A estrutura familiar está relacionada com a conjuntura histórica vivida pela sociedade durante sua formação, e isto irá variar por meio de contextos sociais, culturais, políticos, econômicos etc. Apesar disso, mesmo que já vivamos muitas mudanças, ainda se observam formas de resistência referente à aceitação de uma pessoa homossexual no âmbito familiar, por ainda haver um modelo hegemônico familiar heterossexual, patriarcal burguês. Dessa forma, a dificuldade em aceitar as relações homoafetivas vem de uma construção social baseada em crenças e tabus, pautada em um padrão heteronormativo e patriarcal que preza por uma continuidade desses padrões que não ameacem as ditas maiorias sociais.

Para ela aceitar foi um degrau de cada vez, porém não paramos de nos falar, minha irmã sempre me ajudou, fomos morar juntas por um período e ela sempre procurava falar sobre mim e as namoradas que tinha. Um tempo depois voltei a morar com minha mãe e levava as minhas namoradas, mas nunca tínhamos sentado para conversar, até que eu estava namorando sério e iria casar e resolvi falar com ela, isso foi a primeira vez e foi um processo evolutivo por nunca falar com alguém da família (29 de agosto de 1983).

Constata-se que, os sujeitos homossexuais que não respondem ao padrão normativo no contexto social acabam sofrendo psicologicamente, em função das repressões sociais vivenciadas em contextos familiar (Perucchi; Brandão; Vieira, 2014; Braga, *et al.*, 2018), que podem se caracterizar pela negação da sexualidade ou pela recusa em conhecer os(as) namorados(as) dos filhos, sendo que o próprio “medo” de apresentar seus(as) parceiros(as) aso familiares pode causar sofrimento aos sujeitos homossexuais. Portanto, percebemos que muitas famílias, quando confrontadas com a homossexualidade de um de seus membros, reagem com rejeição ao indivíduo homossexual, resultando em violências sutis, que vão desde o desconhecimento da orientação sexual e insistência em manter a ordem heterossexual até agressões verbais e físicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos fomentar, neste artigo, uma discussão sobre a homofobia vivida nos contextos familiares e o sofrimento, como consequência dela, experienciado pelo público da comunidade LGBT+. Esta pesquisa conseguiu responder a sua questão central a partir das narrativas dos seus participantes, demonstrando que a homofobia familiar causa danos à vida social e subjetiva do sujeito. A partir dessa questão, percebemos que a família diante a

descoberta da sexualidade do filho se torna, na maioria das vezes, uma geradora de sofrimento, levando os sujeitos a passarem por uma série de barreiras que levam a diversos fatores que atrapalham suas vidas.

A falta de aceitação vinda de pessoas que deveriam acolher pode mexer com a saúde mental dos membros da comunidade LGBT+. A pessoa em sofrimento psíquico pode apresentar tanto sintomas físicos, a ponto de adoecer fisicamente, como problemas psicológicos, que podem comprometer sua saúde mental. Muitas vezes, esse tipo de sofrimento pode ser “invisível” aos outros ou ser atribuído ao jeito de ser do sujeito, resultando na desvalorização e no descaso, privando-o do cuidado que poderia ter por parte dos familiares.

Dessa forma, a pesquisa demonstrou que é de suma importância novos debates acerca da temática no campo da Psicologia, principalmente por ser um campo de saber particularmente preocupada em combater formas de opressão social e em fazer cumprir um código de ética, além de entender a constituição subjetiva do sujeito. Ela demonstrou a importância e a necessidade de se trabalhar a temática com a família, porque, da mesma forma que ela é um fator de proteção, cuidado, amor, acolhimento, pode ser um fator de adoecimento.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. L. de. **Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRAGA, I. F. *et al.* Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, suppl. 3, p. 1220-1227.

COSTA, É. F. S. *et al.* Violência Doméstica Contra Homossexuais – Máscaras e Mitos. **IV Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH**, Universidade Federal de Alagoas, 2012.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 37, p. 9-41, jul.-dez .2011.

DE ANTONI, C. Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. *In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L.*

(Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras.** Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2005.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres.** 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 4: as confissões da carne.** São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GUATTARY, F.; ROLNIK S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

GUERRA, V. M. *et al.* Sexual liberalism–conservatism: the effect of human values, gender, and previous sexual experience. **Archives of Sexual Behavior**, v. 41, n. 4, 1027-1039, 2012.

HINTZ, H. C. Espaço relacional na família atual. *In: CERVENY, C. M. O. (Org.). Família em movimento.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

HOFFMAN, B. **O desvendar do amor: processo hoffman de quadrinidade.** Tradução de Célia A. Novaes e Flávia Fusaro. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.

MACHADO, M. das D. C. Religião, família e individualismo. *In: DUARTE, L. F. D et al. (orgs). Família e Religião.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

MASON, M. J. Vergonha: reservatório dos segredos na família. *In: IMBER-BLACK, E. (Org.). Os segredos na família e na terapia familiar.* Porto Alegre: Artmed, 2002.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAPALIA, D. E; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: AMGH, 2013.

PERUCCHI, J.; BRANDAO, B. C.; VIEIRA, H. I. dos S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estud. psicol.**, Natal, v. 19, n. 1, p. 67-76, mar. 2014.

ROCHA, A. N.. A homossexualidade e o cristianismo conservador: a face cristã da intolerância religiosa espelhada na Bíblia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 4, v. 06, pp. 68-92, jul. 2019.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. Tradução Felipe Bruno Martins Fernandes. **Revista Bagoas**, v.1, n.5, p.67-78, 2010.

SOLIVA, T. B.; SILVA JUNIOR, J. B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, v. 17, p. 124-148, 2014.

TOLEDO, L. G. **"Será que eu tô gostando de mulher?"**: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2013.

UZEIKA, R. **A ressocialização do preso pelo Estado, sociedade, família e apenado**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2013.